



## A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Franciele Ribeiro de Sousa\*

Sandra Luzia Wrobel Straub\*\*

### RESUMO

O artigo apresenta resultado de pesquisa sobre contação de história na educação infantil. Educadores apontam que contatos com livros despertam a imaginação e a criatividade da criança. A pesquisa realizou-se em turmas de crianças com quatro anos. O *locus* foi analisar como a professora realiza o momento de contar histórias. A pesquisa foi embasada em teóricos da literatura infantil, os quais destacamos como Fanny Abramovich e Cecília Meireles. Notou-se que o momento de contar histórias deve ser um momento agradável para todos os sujeitos envolvidos e o narrador tem papel fundamental nesse processo.

**Palavras-chave:** Contar histórias. Literatura infantil. Educação Infantil.

### 1 INTRODUÇÃO

O momento de contar histórias, aguça a curiosidade da criança. Mas para que esse momento seja um momento lúdico para todos envolvidos, é necessário uma preparação antecipada ao momento da narração de histórias. A pesquisa foi realizada em instituições de ensino de creche quatro (crianças de quatro anos), onde percebeu-se como as professoras narram histórias e como os alunos reagem com a contagem.

### 2 A ORIGEM DO CONTAR HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

#### 2.1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL

---

\* Graduanda de Pedagogia. Pertence ao Grupo de Estudos da Professora Dr.<sup>a</sup> Sandra Luzia Wrobel Straub. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID - CAPES/MEC).

\*\* Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Coordenadora do Programa de Formação de Células Cooperativas (FOCCO) – Sinop-MT. Líder do Grupo de Pesquisa Educação Científico-Tecnológica e Cidadania.

A história da literatura infantil, conforme Coelho (2002) tem início a partir do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada como um ser diferenciado do adulto (antes a criança era considerada como adulto em miniatura) com necessidades de uma educação especial a qual a preparasse para a vida adulta. Antes disso, a criança acompanhava a vida social de um adulto e conseqüentemente compartilhava a mesma literatura, nesta época as crianças eram distinguidas em dois tipos: da nobreza e das classes desprivilegiadas. Crianças da nobreza liam geralmente clássicos, já as crianças desprivilegiadas liam ou ouviam histórias de aventura, lendas, contos folclóricos, e assim nasceu a literatura de cordel, uma literatura de interesse das classes populares.

À procura de uma literatura adequada para a infância, houve adaptações dos clássicos e o folclore tornou-se contos de fadas, porém os mesmos ainda não eram totalmente voltados para as crianças. Os primeiros livros para crianças foram escritos por pedagogos, com o único objetivo de práticas pedagógicas, pois a escolarização obrigatória e a importância da educação eram de interesse no desenvolvimento social. Como aponta Góes (1991, p. 49):

[...] nos começos da literatura infantil estava a Pedagogia e que, ainda hoje, muitas vezes, pedagogia e literatura infantil vão de mãos dadas, às vezes como boas amigas, e outras, a maioria, sofrendo a literatura, como uma pobre e bela Cinderela, a dura perseguição de sua pedagógica e insidiosa madrasta.

Segundo Zilberman e Lajolo (1993, p. 17), “eram os clássicos europeus que forneciam o material para as adaptações e traduções que precederam a propriedade dita produção brasileira de literatura infantil”.

Somente após a década de 70 do século XX é que houve o desenvolvimento com grandes autores e editoras, com produções brasileiras de literatura infantil e infanto-juvenil, ainda, com traduções de grandes clássicos estrangeiros.

A leitura de histórias para criança é fundamental para que a mesma possa apropriar-se de um imaginário social, enriquecer seu vocabulário, e aprimorar suas formas de interpretação.

A vivência desde muito cedo com livros, leituras faz com que a criança tome deste exercício de leitura como parte da sua rotina, tornando-se um adulto crítico, um adulto que saiba interpretar um texto corretamente e com um vocabulário amplo.

## 2.2 A ARTE DE CONTAR HISTÓRIA AUXILIANDO O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

A criança tem contato com um texto primeiramente por via oralmente ou visualmente, através de histórias contadas ou por imagens mostradas por familiares de como ela nasceu, como foi escolhido seu nome, fatos acontecidos com ela, com seus pais, avós, irmãos...

A arte de contar histórias se deve conter à rotina do professor, seja qual for a faixa etária das crianças, poderia propiciar as ações pedagógicas de forma interativa e lúdica. Segundo Coelho (2002), o fato de ouvir histórias estimula a criança a adquirir o hábito de leitura por toda sua vida. A criança pode ter contato com a literatura em casa e na escola. Nesse sentido o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil – RCN – (1998), elaborado pelo Ministério da Educação Nacional e do Deporto, atendendo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), estabelece que a Educação infantil é a primeira etapa da educação básica, e tem como objetivo auxiliar o trabalho educativo diário para que a criança tenha um desenvolvimento íntegro. No que se refere a leitura de histórias o RCN (Brasil, 1998, p. 143), aponta que:

A leitura de histórias é um momento em que a criança pode conhecer a forma de viver, pensar, agir e o universo de valores, costumes e comportamentos de outras culturas situadas em outros tempos e lugares que não o seu. A partir daí ela pode estabelecer relações com sua forma de pensar e o modo de ser do grupo social ao qual pertence.

Podemos dizer que a Literatura Infantil vai além do prazer que a criança sente em ouvir histórias. Essa literatura pode auxiliar a construir dos primeiros sentimentos da criança como valores e ideias. Assim, entendemos que um educador com uma postura ativa e estimuladora, pode conseguir estimular futuros leitores críticos e criativos. Como afirma Abramovich (1997, p.17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente o que as narrativas provocam em quem as ouve.

Diferentes autores como Abramovich (1997), Meireles (1984) e Coelho (2002), apontam que para que o educador passe toda emoção da história e para que o ouvinte possa sentir toda essa emoção é fundamental que o narrador leia o texto antes, sem correr o risco de ter que improvisar e acabar com o momento mágico da contação da história. O contador de história deve se preparar, pronunciar nomes específicos como o autor quis expressar em sua obra, entonações e variações de vozes para dar o efeito necessário para fazer a fantasia da história. Que o narrador esteja preparado para lidar com palavras não utilizadas normalmente,

com questões que podem alimentar ou acabar com certos preconceitos e possibilidades de outras interpretações da história pelos alunos.

Entendemos que o adulto possa contar qualquer história para as crianças, desde que esteja preparado, ou seja, que tenha estudado o texto antes da narração. Como afirma Abramovich (1997, p. 20), qualquer história pode ser contada,

[...] desde que ela seja bem conhecida pelo contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição...o critério e do narrador... e o que pode se suceder depois depende do quanto ele conhece suas crianças [...].

Não somente a escola pode reservar o espaço para à leitura, mas é possível estendê-lo ao âmbito familiar, como podemos observar no RCN (Brasil, 1998, p.135):

Deixar as crianças levarem, um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças desde muito pequenas podem construir, uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura.

Coelho (2000) enfatiza que a literatura deve ser apresentada a criança com textos adequados a sua faixa etária, afirma ainda que há categorias de leitor, as quais classificam leitores a partir da sua faixa etária, de seu desenvolvimento cronológico, seu amadurecimento entre outros fatores.

Conforme estabelecida por Coelho (2000) a presente pesquisa teve como sujeito de pesquisado crianças que se encaixam na categoria pré-leitor segunda infância. A categoria pré – leitor, se divide em duas fases: a primeira infância (dos 15 meses aos 3 anos) e a segunda infância ( 2/3 à 6 anos). Em nossa investigação trabalhamos com a característica da segunda infância que a autora (*ibid*, p.33) aponta que é a,

Fase em que começam a predominar os *valores vitais* (saúde) e *sensoriais* (prazer ou carência física e afetiva), e quando se dá a passagem da indiferenciação psíquica para a percepção do próprio ser. Início da fase egocêntrica e dos interesses ludopráticos. Impulso crescente de adaptação ao meio físico e crescente interesse pela comunicação verbal.

Os livros adequados a esta fase, são os que abordam o cotidiano familiar à criança, com textos em letras caixa alta, os quais são lidos e dramatizados por adultos, com a intenção de que a criança perceba a inter-relação entre o mundo real e o mundo da palavra. Interessante também ter muita ilustração para que a criança mesmo não sabendo ler possa acompanhar o

desenvolvimento da história. Também é importante que os livros estejam disponibilizados ao alcance das crianças. A técnica de repetição é das mais favoráveis para conquistar e manter a atenção e o interesse do pré-leitor, pois na primeira vez que a história é contada para a criança tudo é novidade. A partir da segunda vez as crianças já sabem o que irá acontecer, então elas procuraram detalhes da história, assim como acontece com os adultos em um bom livro ou em um belo filme.

O espaço de leitura deve ser acolhedor, preparado de acordo com as necessidades da criança, deve ser convidativo e confortável, permitindo que circulem e falem livremente. Um lugar em que o professor apoie e compartilhe a escolha dos livros de história juntamente com as crianças. Para que uma história seja envolvente e marcante na vida da criança, o educador pode trabalhar a história com diversos materiais, como fantoches, encenações, com a utilização de acessórios adequados para a caracterização do personagem da história ou teatros em que as crianças sejam os personagens da história.

### **3 A LITERATURA INFANTIL E A PRÁTICA PEDAGÓGICA: investigação em salas de creche**

Foram realizadas observações e entrevistas, em duas turmas de creches IV da Educação infantil, com crianças de quatro anos, resultando em quatorze dias de observação em sala de aula no período vespertino, das 13h às 17h, com um total de 56h de pesquisa em campo. O *locus* principal da observação foi como a professora regente da sala desenvolvia o momento de contar histórias.

Os dados foram coletados durante sete dias de observação em cada instituição de Educação infantil, na Creche Alto da Glória, localizada no bairro Alto da Glória, em uma turma de creche IV vespertino, composta por vinte crianças, por uma professora integral (P1 está todos os dias em sala de aula em regência) e uma técnica em desenvolvimento educacional, e no Centro de Educação infantil – CMEI – Toda a Gente, localizado no bairro Jardim Paulista, em uma turma de creche IV vespertino, composta por vinte e duas crianças, por duas professoras parciais (P2 entra em sala segunda, terça, quarta e a P3 entra em sala quinta e sexta) e uma técnica em desenvolvimento educacional, ambas instituições situadas na cidade de Sinop.

Após a realização das observações o segundo passo foi a realização das entrevistas com professoras e coordenadoras das instituições de ensino de educação infantil. Durante a realização da mesma utilizou-se um roteiro de perguntas, e um gravador de voz. Após a

realização das entrevistas, foi realizada a transcrição das mesmas, para posteriormente realização da organização, interpretação e da análise de dados.

Percebeu-se que o momento de contar histórias se bem preparado antecipadamente, conforme Abramovich (1991), as crianças revivesciam sentimentos conforme a história narrada, isso pode contribuir para o desenvolvimento emocional, afetivo, crítico, da criatividade, do vocabulário e da concentração, entre outros fatores importantes nesta fase de formação da criança. Meireles (1984, p. 29) afirma: “[...] o ‘livro infantil’, se bem dirigido à criança, é de invenção e intervenção do adulto. Transmite os pontos de vista que este considera mais úteis à formação de seus leitores.”

Em questão de preparação do momento de contar histórias, as docentes participantes de nossa pesquisa, afirmam que escolhem o livro a ser contado conforme o objetivo proposto a se trabalhar com as crianças ou por datas comemorativas, e também que leem a história antecipadamente, ou seja, fazem uma leitura prévia do texto. Abramovich (1997, p.20), aborda como é importante que a narradora da história leia antecipadamente o texto, pois se faz necessário:

[...] ler o livro antes, bem lido, sentir como nos pega, nos emociona ou nos irrita... Assim quando chegar o momento de narrar a história, que se passe a emoção verdadeira, aquela que vem lá de dentro, lá do fundinho, e que, por isso, chega ao ouvinte.

Constatou-se também, que em todos os dias observados as professoras trabalharam com diversos livros de história, com ilustrações que chamavam a atenção dos alunos. Observamos, ainda que contar histórias diariamente proporciona um contato mais próximo entre professores e alunos. Contato esse que estimula a interação entre alunos/alunos e alunos/professor, a imaginação, a criatividade, o pensar, o querer e o sentir, proporcionando assim as crianças o aprimoramento na forma de expressão e na interação na sociedade em que vive. Como afirma Meireles (1984, p. 123): “Se a criança desde cedo fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito.”

Na creche Alto da Glória que há uma biblioteca uma sala ampla, com colchões espalhados pela sala, e tapetes pelo chão, os livros são disponibilizados no alcance das crianças, é uma grande variedade de livro, pequeno, grande, gibi, livros 3D, entre outros, podemos dizer uma sala aconchegante para contar histórias.

A escola é um dos meios que mais favorecem o incentivo da leitura na infância, alunos que não tem contato com a literatura em casa, possivelmente terá esse contato literário na escola. Goés (1991, p. 34), aborda em sua obra a importância da biblioteca na escola:

[...] a biblioteca tem um papel tão essencial quanto insubstituível. [...] Na biblioteca, crianças que tiveram tantas dificuldades em seus lares, principalmente as dos meios com poucos recursos, poderiam se desenvolver. Essas crianças encontrariam, então, no livro, sua entrada para um mundo mais amplo. Teriam a oportunidade, também, do encontro com adultos diferentes dos do seu convívio habitual: outros pais, funcionários, professores, etc.

No campo investigativo, podemos dizer que em ambas as salas de aula disponibiliza livros infantis para uso dos alunos, mas não podemos dizer que há um espaço destinado a leitura. Na creche Alto da Glória os livros ficam disponibilizados em uma caixa na estante da sala, já no CMEI Toda a Gente os livros ficam disponibilizados em uma caixa ao alcance das crianças. Nesse contexto mesmo com tantas dificuldades estruturais, as professoras adaptaram um lugar onde as crianças tem livre acesso as obras literárias e os consideram como o “cantinho da leitura”.

Durante a pesquisa de campo observou-se que as professoras P1 e P2 utilizam de diversas emoções, expressões, entonações, e até mesmo improvisações adequadas durante a narração do texto. Acreditamos que essas atitudes das professoras estimule e desperta o interesse do aluno à narração, tornando assim um momento lúdico para todos os sujeitos envolvidos. Podemos perceber que as metodologias adotadas pelas professoras no contar a história destaca a importância dessa prática no cotidiano escolar e que contribui positivamente para o desenvolvimento da criança. Nesse sentido trazemos Meireles (1984, p.48), que enfatiza que:

A boa memória, o talento interpretativo, o inventivo – a imaginação, a mimica, a voz, toda arte de representar – a capacidade de utilizar oportunamente o repertório fazem dos contadores de história, ainda hoje, personagens indispensáveis a determinados ambientes.

No entanto percebe-se que a professora P3 é monótona em suas narrações, por mais que o livro fosse atrativo, as crianças não se interessavam para ouvir as histórias, pois a atenção delas estavam dirigidas apenas na capa, nas ilustrações, e nos demais colegas, já a atenção da professora estava dirigida para que todos ficassem quietos no momento da narração. Tal atitude da professora, pressupõe que quando a contação de história é tomada como uma obrigação, não como um momento de prazer, torna-se um momento constrangedor para todos envolvidos.

A partir dessas observações podemos afirmar que o momento de contar histórias, pressupõe um bom planejamento, um desejo, e executado com prazer. Se não for assim, entendemos que dificilmente o aluno irá levar a prática de leitura em sua formação como

sujeito, pois a partir do momento em que o aluno começa a relacionar o momento de contar história em um momento monótono, em que não pode se expressar, se comunicar com o outro, ele irá relacionar a leitura como uma obrigação, como um castigo.

O contar histórias possibilita conhecer melhor a criança, criar vínculo com ela. Mas para isso acontecer, é necessário conquistar a confiança da criança, ela não deve ter medo de se expressar, de dar opiniões na história, de explicar o que entendeu, a criança ouvinte deve ter confiança na professora, saber que se ela não conseguir se expressar a professora irá ajudá-la.

As crianças que ouve histórias poderá ser capazes de interpretá-las, reconhecer mensagens, criar consciência e tornar-se um cidadão crítico. Tais capacidades possíveis que as crianças podem desenvolver devem ser muito bem trabalhadas, e ter muito cuidado com o livro a ser narrado. Do mesmo jeito em que crianças podem adquirir lições boas, podem adquirir preconceitos diversos. Proponhamos então que a narradora deve tomar muito cuidado com o livro a ser contado.

Podemos assim afirmar então que o momento de contar histórias é um momento que poderá auxiliar o desenvolvimento da criança. Nesse sentido Abramovich (1997, p. 23), afirma que: “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra)...”. Assim percebemos a importância desse momento na educação infantil, momento esse que deveria ser muito bem planejado e desejado por todos envolvidos. O contar histórias é uma arte em que todos envolvidos tem um papel fundamental para o sucesso do momento da narração.

#### **4 O OLHAR DA CRIANÇA AO CONTAR HISTÓRIAS**

Não há sujeito melhor de falar sobre a literatura infantil do que a própria criança, pois é ela que ouve, que poderá interpreta-la, relaciona-la à vida real, classifica-la como boa ou ruim, entre outros aspectos. Autores da literatura infantil afirmam que se uma história, for interpretada de maneira adequada, provavelmente a criança irá lembrá-la a sua fase adulta, e irá recontá-la a outras crianças, e assim sucessivamente.

Em ambas as instituições de Educação Infantil, podemos perceber o mesmo brilho no olhar ao ver uma capa colorida, com personagens curiosos, e ilustrações tão lindas que faziam as crianças suspirarem de ansiedade para que a narradora abrisse logo o livro e desvendasse todos os segredos guardados entre páginas e páginas de magia.



## 5 CONCLUSÃO

A partir dessas constatações podemos afirmar que se o momento de contar histórias, se não for bem planejada, desejada, e executada com prazer, dificilmente o aluno irá levar a prática de leitura em sua formação como sujeito, pois a partir do momento em que o aluno começa a relacionar o momento de contar história em um momento monótono, em que não pode se expressar, se comunicar com o outro, ele irá relacionar a leitura como uma obrigação, como um castigo.

### L'ARTE DI RACCONTARE STORIE NELLA EDUCAZIONE INFANTILE

#### RIASSUNTO<sup>1</sup>

L'articolo presenta risultato di ricerca su raccontazione di storia nella educazione infantile. Educatori appuntano che contatti con libri risvegliano l'immaginazione e la creatività della bambina. La ricerca si ha realizzato in turme di bambini con quattro anni. Il locus è stato analizzare come la professoressa realizza il momento di raccontare storie. La ricerca è stata imbasata in teorici della letteratura infantile, ai quali distacchiamo come Fanny Abramovich e Cecília Meireles. Si ha notato che il momento di raccontare storie devono essere un momento piacevole per tutti i soggetti involti e il narratore ha ruolo fondamentale in questo processo.

**Parole-chiave:** Raccontare storie. Letteratura infantile. Educazione infantile.

#### REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil:** Teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

GOÉS, Lucia Pimentel. **Introdução a literatura infantil e juvenil.** 2.ed. São Paulo: Pioneira, 1991.

---

<sup>1</sup> Tradução realizada pela Jéssica Martins Maraccini (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

MEIRELES, Cecília. **Problemas de Literatura Infantil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: histórias autores e textos**. 4° ed. Global Universitária: São Paulo, 1993.